

Repercutindo o II

**World
Social**



Quarta-feira, dia 15 de maio, será a Aula Inaugural do Centro de Ciências Humanas. Francisco Whitaker Ferreira, 70, formado em Arquitetura e Urbanismo pela USP, *secretário-executivo da Comissão Brasileira Justiça e Paz, da CNBB, e membro do Comitê de Organização do Fórum Social Mundial* trará à tona as discussões sobre o II Fórum Social Mundial, sua importância no contexto contemporâneo e suas perspectivas. Francisco Whitaker, foi um dos principais 'articuladores' pela aprovação da lei 9840, lei contra a corrupção eleitoral aprovada pelo Congresso Nacional no dia 28 de setembro de 1999, como resultado de uma iniciativa popular. Após o golpe militar esteve exilado por vários anos no Chile e França. Coordenou, então, um importante projeto internacional intitulado "Por uma sociedade superando as dominações", patrocinado por várias conferências episcopais. O projeto foi interrompido por intervenção do Vaticano. Foi vereador da cidade de São Paulo, pelo Partido dos Trabalhadores, de 1988 a 1992. Foi relator da CPI da corrupção na Câmara municipal de SP para apurar os desvios e desmandos internos da Câmara. Seu livro mais conhecido é *O que é vereador*, da Coleção Primeiros Passos, ed. Brasiliense, São Paulo, 1992, que vendeu milhares de exemplares. Ele é autor de um artigo muito analisado e discutido nas Escolas de Formação Política intitulado "Parlamentar cristão: sinal de contradição?", publicado na revista *Vida Pastoral*, setembro/outubro de 1996.

Dia: 15 de maio

Horário: 20h

Local: Auditório Padre Werner

Antecipando esta importante aula inaugural, publicamos dois artigos. Um do próprio Francisco Whitaker, escrito logo depois de ter participado do Conselho Internacional do Fórum Social Mundial, reunido em Barcelona, no final do mês de abril p.p. E outro de Michael Hardt, que faz o contraponto da discussão sobre o Fórum Social Mundial.

Publicamos a continuação, na íntegra, o artigo de Francisco Whitaker, publicado na *Folha de São Paulo* do dia 30 de abril. Os subtítulos são nossos.

Fórum Social Mundial em perspectiva — *Francisco Whitaker*

“O Conselho Internacional do Fórum Social Mundial está reunido, pela primeira vez depois de Porto Alegre, em Barcelona, desde o último domingo. É oportuno, então, analisar o fórum em perspectiva. Após o Fórum Social Mundial de 2002, perguntaram a Boaventura de Souza Santos se o fórum teria sido instrumentalizado pelo PT. O sociólogo português sorriu com benevolência e respondeu que o PT era muito pequeno para isso. O prefeito de Porto Alegre, Tarso Genro, em entrevista à Folha na mesma ocasião, afirmou que todos os partidos de esquerda do mundo, unidos, não conseguiriam convocar e realizar um evento como esse.

O fórum foi indiscutivelmente um sucesso. Do primeiro para o segundo, o número de participantes saltou de 20 mil para 50 mil. Boaventura e Tarso partem dessa constatação e apontam as razões desse êxito, que têm a ver com o caráter do Fórum Social Mundial.

Entre os que vieram havia 35 mil "ouvintes", como especificavam seus crachás. Mas aumentou bem mais, proporcionalmente, o número de "delegados", isto é, pessoas inscritas como representantes de entidades e movimentos da sociedade civil, que passaram dos 4.000, em 2001, para 15 mil, em 2002, representando 4.909 organizações de 131 países.

Ora, sem dúvida isso se deve ao que o fórum tinha de inovador: seu caráter plural e não diretivo, que unifica respeitando a diversidade; sua abertura a todos que queiram dele participar -exceto os representantes de organizações armadas e os de governos e partidos enquanto tais-; e o fato de ser uma iniciativa da sociedade civil para a sociedade civil, que fez surgir um novo espaço de encontro, o primeiro desse tipo no plano mundial sem o controle de governos, movimentos, partidos e outras instituições nacionais ou internacionais que disputam o poder político.

Porto Alegre e Davos

Para esses delegados, o fórum era realmente o que seus organizadores pretenderam criar: um espaço horizontal de intercâmbio de experiências e esperanças, em que podiam, livremente, dar visibilidade a suas propostas e lutas, aprender e se realimentar, articular-se no país e no mundo sem que ninguém lhes impusesse idéias, ritmos ou hierarquizações. Um dos elementos essenciais para isso é o caráter não-deliberativo do Fórum Social Mundial, expressamente estabelecido em sua Carta de Princípios.

Nesse ponto, o Fórum de Porto Alegre assemelha-se ao Fórum Econômico Mundial, de Davos, ao qual se propõe como alternativa. Ambos representam um momento mais intenso de aprofundamento de opções e articulações, no nível mundial, que já existiam antes deles e continuará depois deles. Mas acaba aí a semelhança: enquanto em Davos os controladores do capital buscam expandir seus negócios privados e a prevalência de seus interesses em todo o mundo, Porto Alegre congrega os que se opõem a uma globalização ditada por esses interesses e querem construir um outro mundo, centrado no ser humano e respeitoso da natureza. Um mundo possível, necessário e urgente. As opções organizativas do fórum fogem aos paradigmas da ação política e pagam seu custo em incompreensão. A diferença de objetivos entre Davos e Porto Alegre determina também uma diferença de métodos. Como em Davos, em Porto Alegre houve conferências, palestras e debates propostos pelos organizadores. Mas, no Fórum Social Mundial, um espaço igualmente importante era reservado a oficinas e seminários propostos e organizados pelos seus próprios participantes:

400 em 2001, 800 em 2002. Na verdade, é o burburinho alegre que se forma em torno dessas oficinas e seminários que cria o ambiente entusiasmado em que o Fórum Social Mundial se desenvolve, em contraste com o cinza engravatado de Davos.

FSM, um processo iniciado em Porto Alegre

As opções organizativas do fórum fogem aos paradigmas tradicionais da ação política e pagam, por isso, seu custo em incompreensão. A cobertura da imprensa se ressentiu da inexistência de um documento final do evento, muitos cobram a falta de propostas concretas e há os que gostariam que o Conselho Consultivo Internacional do Fórum se transformasse em um novo comando mundial da luta contra o neoliberalismo. São questionamentos que revelam dificuldade em compreender que o fórum não é uma cúpula, mas uma das bases de um movimento social que, para se desenvolver, não pode ter cúpulas nem donos.

Na verdade, surgem no fórum centenas de propostas concretas, de maior ou menor envergadura, mobilizações específicas e novas reflexões. Mas nenhuma dessas propostas e reflexões é do fórum enquanto tal. São de responsabilidade de quem as lançou e de quem as assumir, e cada qual ganhará, ao ser levada adiante, a adesão que seus méritos lhe valerem. Felizmente, as perspectivas de continuidade assumidas pelos organizadores consolidam o método delineado na Carta de Princípios do fórum. Firma-se o conceito de que o fórum é um processo, e não um evento nem uma nova organização dirigida pelos líderes de algum pensamento único.

Para os organizadores do Fórum Social Mundial, o grande desafio é assegurar a continuidade do fórum naquilo que ele tem de efetivamente inovador: seu modo de funcionamento”.

Fórum Social Mundial: o ‘conflito’ que não apareceu

Traduzimos e publicamos na íntegra o artigo de Michael Hardt, retirado da revista alemã **Jungle Word**, n. 11, 11-03-02. Hardt participou do II Fórum Social Mundial, de 31 de janeiro a 05 de fevereiro deste ano, em Porto Alegre. Ele é, co-autor com Toni Negri, do importante livro **Império**, publicado pela Ed. Record (RJ) em 2001. Os subtítulos e grifos são nossos. O texto foi traduzido e publicado no boletim **CEPAT Informa** no. 82, abril de 2002, p. 48-53.

Bandung 1955 e Porto Alegre 2002

“Contra por algo à ordem mundial vigente, essa perspectiva revelado pelo Fórum Social Mundial de Porto Alegre soa muito mais como eco distante da Conferência histórica de Bandung, na Indonésia do ano de 1955, do que como pólo oposto ao Fórum Econômico Mundial de Nova York. Para a conferência de Bandung a ordem mundial vigente era a do colonialismo e da confrontação repressiva na guerra fria, para Porto Alegre ela é o predomínio da globalização capitalista. Também as diferenças caem diretamente na vista. A conferência de Bandung reuniu basicamente estadistas asiáticos e africanos, desnudando a dimensão racista da ordem colonialista mundial. O autor Richard Wright descreveu essa divisão do mundo por meio da *Color Curtain* [Cortina Racial]. Porto Alegre, no entanto, é sobretudo branca, relativamente poucos participantes são oriundos da Ásia ou África, e as diferenças das Américas estão representadas apenas em pequena escala. Isso remete para a tarefa que se apresenta aos que se reúnem em Porto Alegre: globalizar os movimentos, em todas as sociedades e simultaneamente

com alcance mundial. O Fórum como tal é apenas um passo. Porém, enquanto a Conferência de Bandung foi objeto de envolvimento de um grupo bastante restrito de políticos, Porto Alegre reúne um sem-número de ativistas e congrega uma rede de movimentos. Essa 'multidão' é a grande inovação do Fórum.

Porto Alegre: riqueza de presenças e encontros

A impressão primeira e dominante do Fórum Social Mundial se deve a sua extraordinária magnitude. Na verdade é menos o número de participantes – os organizadores falam de 80 mil – mas acima de tudo a abundância de eventos e encontros, de todas as coisas que acontecem. O programa oficial das conferências, discussões e oficinas, cuja maioria acontece na universidade, possui diariamente o formato de um tablóide, porém rapidamente se descobre que há incontáveis outros encontros informais e manifestações por toda a cidade, que são divulgados por cartazes e panfletos ou pela propaganda pessoal. O Fórum não pode ser classificado, ele é caótico e dispersivo. E essa imensidão cria em todos, mergulhados no mar de pessoas de todos os quadrantes da terra, o entusiasmo para trabalhar de forma homogênea contra a globalização capitalista da atualidade. O encontro aberto constitui o momento mais importante do Fórum Social. Ainda que Porto Alegre em certo sentido apresente limitações, por exemplo, geográficas e sociais, a cidade sem dúvida oferece uma oportunidade para globalizar adiante o ciclo de lutas de Seattle até Gênova.

Primeiro passo: reconhecimento dos pontos comuns

Até o presente se pode encontrar, em maior ou menor grau, uma rede de movimentos em ambos os lados do Atlântico Norte. Ainda que esses movimentos enfoquem politicamente numerosos pontos que também são tomados por outras partes como objeto de controvérsia, por exemplo, o protesto contra a atual forma capitalista de globalização ou contra formas institucionais específicas como a política do Fundo Monetário Internacional, os próprios movimentos permaneceram limitados. Reconhecer os pontos em comum do próprio projeto com os de outras partes do mundo representa o primeiro passo para ampliar a rede de movimentos sociais ou interligar diversas redes. A descoberta de pontos em comum é favorecida pelo clima entusiasmado e descontraído do Fórum.

Passo seguinte: como poderão se transformar?

Contudo o encontro não visava apenas dar visibilidade a alvos e intenções comuns, mas também explicitar as diferenças dos envolvidos, diferenças que são heterogeneamente devidas a condições materiais e orientações políticas. Os diversos movimentos mundo afora não chegarão à coesão simplesmente assim como são, porém no encontro eles poderão modificar-se mutuamente. Ativistas norte-americanos ou europeus, por exemplo, terão de reconhecer as diferenças em relação ao Movimento Sem Terra (MST), cujo contexto são as condições do trabalho rural e a pobreza camponesa no Brasil. A pergunta é: que tipo de transformação os movimentos de protesto europeus e norte-americanos, bem como os movimentos latino-americanos precisam percorrer, não para se igualar ou unificar, mas para constituir e ampliar uma articulação entre si? O Fórum oferece a oportunidade para admitir diferenças e levantar esse tipo de questões, pelo menos para aqueles que se dispõem a ouvi-las. Contudo não cria as condições para solucionar os problemas. Precisamente os momentos dispersivos e trasbordantes

do Fórum, que geram o sentimento eufórico da luta conjunta, deslocam o terreno no qual seria possível trabalhar esse tipo de diferenças e conflitos.

Estados nacionais ou Estado global?

Nesse aspecto o Fórum Social Mundial talvez seja entusiasmado demais, descontraído demais, e não suficientemente disposto para o conflito. Uma diferença política muito crucial que perpassa todo o Fórum se refere ao papel da soberania de Estados nacionais. Uma política que reage às forças atualmente dominantes da globalização conhece fundamentalmente duas posições possíveis: ou se pode trabalhar para estabilizar a soberania do Estado nacional, a fim de empregá-lo como freio contra o controle pelo capital global, ou se pode procurar por uma alternativa à forma atual da globalização que não seja nos moldes do Estado nacional, mas sim global. A primeira posição aposta analiticamente sobretudo na categoria neoliberalismo, ou seja, ela se identifica como inimiga da atuação global do capital, que é desenfreada por causa de Estados nacionais fracos. A segunda posição é mais claramente anticapitalista, independente de o capital ser ou não regulado pelo Estado. A primeira chama-se com razão de posição antiglobalização, porque para ela a soberania do Estado nacional serve, também quando estiver conectada com solidariedade internacional, para represar e regular as forças da globalização capitalista. Por isso a libertação nacional continua sendo norteadora para essa posição. Isso a liga às antigas lutas anticolonialistas e antiimperialistas. A segunda posição, no entanto, rejeita qualquer resposta de fortalecimento do Estado nacional e, em troca, visa uma globalização democrática.

Vozes da defesa da soberania do Estado nacional

Os defensores da soberania do Estado nacional ocuparam o espaço público durante o Fórum Social Mundial. Sua posição é defendida nas sessões plenárias, os oradores oficiais do Fórum a repetem e a imprensa informa a respeito. Essa posição é a adotada pela liderança do Partido dos Trabalhadores (PT) do Brasil, que como partido no governo em Porto Alegre e no Estado se apresenta como anfitrião. O PT tira proveito do prestígio internacional do evento, integrando-o em sua estratégia eleitoral. A segunda voz significativa em favor do Estado nacional pertence à liderança francesa da Attac, que articula sua atitude nas páginas do *Le Monde Diplomatique*. Nesse aspecto a liderança da Attac está muito próxima de alguns políticos franceses, dos quais provavelmente o mais conhecido é Jean-Pierre Chevènement⁽¹⁾, e que consideram o fortalecimento do Estado nacional como o remédio para as enfermidades da globalização atual. O PT e a Attac dominaram o cenário do Fórum Social, tanto para dentro quanto para a mídia.

Vozes da globalização democrática

Em contrapartida a posição que não propugna pela soberania é minoritária no Fórum, porém não numericamente, e sim com vistas à sua representação. Fazem parte dela os diversos movimentos que sustentaram os protestos de Seattle até

¹ .- Candidato a presidente da França, Chevènement foi ministro do socialista Mitterand e renunciou quando este se aliou aos EUA na guerra contra o Iraque. Ele teve uma modesta atuação no Fórum Social Mundial de Autoridades realizado em Porto Alegre por ocasião do Fórum Social Mundial. Por exemplo, na questão da dívida externa, ele defende não somente que esta seja anulada pelos países ricos, mas que então devolvam, em forma de projetos de desenvolvimento, os juros pagos pelos países devedores.

Gênova e cuja orientação via de regra não é o Estado nacional. A estrutura centralista da soberania estatal se opõe diametralmente à forma das redes horizontais, como as desenvolvidas por esses movimentos. E também os movimentos na Argentina, que surgiram com a atual crise financeira e organizaram os conselhos e reuniões de delegações em seus bairros e cidades, têm uma atitude antagônica similar diante da soberania do Estado nacional. E finalmente também na base dos partidos e das organizações presentes no Fórum o clima é predominantemente contrário ao Estado nacional. Isso vale sobretudo para a Attac, essa organização híbrida, cuja cúpula (sobretudo na França) mexe com a política tradicional, enquanto a base está solidamente ancorada nos movimentos.

O confronto entre os dois grupos não apareceu em Porto Alegre

Entre ambas as posições se poderia imaginar uma controvérsia no velho estilo. Por exemplo, a primeira posição poderia acusar a segunda de fazer o jogo do neoliberalismo, para solapar a soberania estatal e abrir caminho para o avanço da globalização. A política, porém, como se poderia continuar argumentando, carece do espaço e das instituições do Estado nacional. E a segunda posição poderia replicar que regimes nacionais e as formas da soberania, corruptas e repressivas como são, tão somente atrapalham a trajetória da democracia global. Essa confrontação, no entanto, não acontece em Porto Alegre, por um lado, porque a característica do evento torna impossível o conflito, por outro, porque os defensores da soberania estatal ocuparam os principais espaços do Fórum.

Razão da não confrontação

Uma razão essencial para a não-ocorrência da confrontação, porém, reside nas formas organizacionais de ambas as posições. Partidos tradicionais e organizações centralistas têm porta-vozes que as representam e defendem sua posição. No entanto, ninguém fala por uma rede. Movimentos organizados em redes dispõem de um poder que não se efetiva do dia para a noite. Na configuração da rede dois nós nunca ficam frente-a-frente sem estar em relação com um terceiro, quarto ou um número indeterminado de outros. Durante os acontecimentos em Seattle subitamente grupos, dos quais se pensava que se encontrassem num dissenso objetivo – ecologistas e sindicalistas, grupos de igrejas e anarquistas – trabalharam em conjunto, criando uma rede de multiplicidade. Os movimentos funcionam como um espaço público que permite diferentes modos de expressão. Isso não significa que redes fossem passivas. Redes postergam discordâncias e geram uma espécie de mudança de atmosfera que faz com que posições fechadas se movimentem. A força das redes se alimenta de correntezas subterrâneas.

A luta política na era dos movimentos de redes

A própria 'multidão' é excessiva. É importante perceber as diferenças que separam os movimentos e os políticos congregados em Porto Alegre. Porém ao mesmo tempo seria equivocado interpretar as diferenças de acordo com o parâmetro tradicional do conflito ideológico de duas posições opostas. A luta política na era dos movimentos de redes não funciona mais dessa maneira. Aqueles que se projetaram ao centro e dominaram o Fórum podem se evidenciar como perdedores, apesar de sua flagrante força. Porque talvez os representantes dos partidos e das organizações centralistas em Porto Alegre se assemelhem demais aos estadistas em Bandung – Lula, do PT no papel do anfitrião Achmed Sukarno,

e Bernard Cassen, da Attac, no do convidado de honra Jawaharlal Nehru. Estadistas podem promulgar resoluções e defender a soberania nacional na mesa de negociações, porém, não dispõem do poder democrático dos movimentos. Um dia há de varrê-los a multidão, que é capaz de transformar os elementos rígidos e centralistas em nós de ligação de sua rede em processo de expansão”.

ACONTECE

Ivan Domingues e o Conhecimento Transdisciplinar

No dia 9 de maio, o filósofo Ivan Domingues esteve na UNISINOS para fazer uma consultoria a alguns projetos do Planest. Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais /FAFICH – UFMG, doutor em Filosofia pela Sorbonne - Paris I (1989), consultor da CAPES, do CNPq e de outros órgãos, Ivan é Diretor-Presidente do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFMG).

Ivan Domingues é autor dos seguintes livros: *O fio e a trama: reflexões sobre o tempo e a história*. Editora UFMG: 1996. *O grau zero do conhecimento: o problema da fundamentação das Ciências Humanas*. Loyola:1991 e é organizador do livro *Conhecimento e transdisciplinaridade*. Editora UFMG: 2001.

Entrevistamos o prof. Ivan Domingues quando esteve aqui na UNISINOS, sobre a necessidade de gerar um novo intelectual e sobre os atuais paradigmas epistemológicos. Site: www.ufmg.br/ieat/ E-mail: ivandom@terra.com.br

IHU On-Line — O que é o IEAT?

Ivan — É um Instituto voltado para a pesquisa e que se caracteriza por um eixo e um tripé. O eixo é o transdisciplinar e o tripé, a excelência, a ponta e a indução. Procuramos promover a aproximação de disciplinas e interfaces, o recorte de objetos, mas respeitando a identidade de cada disciplina. Há bastante tempo, sentimos a necessidade de introduzir uma perspectiva unificadora de conhecimento, uma vez que as disciplinas têm-no pulverizado. E a abordagem transdisciplinar, por aproximar as diferentes áreas, explora as interfaces e introduz/promove uma perspectiva unificadora de conhecimento.

Em relação ao tripé, a excelência não é, nem deve ser, exclusividade do transdisciplinar. No disciplinar, também pode ser encontrada a excelência. Contudo, no transdisciplinar, ela tenta evitar a postura do intelectualismo e volta-se para o novo e para o futuro. Isso tanto no objeto quanto na metodologia, visibilizando a ponta. O perigo que se corre é o modismo, mas a excelência deve ser capaz de separar o joio do trigo. Por priorizar certos temas, principalmente nos lugares onde não há massa crítica, por promover a reunião de pessoas, a indução é um dos tripés.

IHU On-Line — Como poderíamos caracterizar o transdisciplinar?

Ivan — Para falar de transdisciplinar precisamos ver sua palavra. Gostaria de iniciar pelo final: *disciplina*. O ponto de ancoragem e de chegada do transdisciplinar são as disciplinas. Porém, precisamos ir entre, através e além das disciplinas. O transdisciplinar fica com o movimento, com o deslocamento do foco e do ponto. Isso exige gerar um novo intelectual, com outro fundamento.

Deparamo-nos com o fim do generalista e do especialista. O generalista acabou, quando predominou o especialista. Hoje, porém, muitos especialistas ainda não se deram conta de que o especialista também acabou. Um bioquímico consegue ler 6% dos artigos indexados num ano, e isso se ele ler 10 artigos por dia. Por isso, nem generalista, nem especialista. Diria que o ponto de partida é o especialista que precisa reaprender a aprender com o colega e compartilhar conhecimentos. Acredito que surgirá um intelectual coletivo, uma espécie de coletivos pensantes.

IHU On-Line — Por falar em inteligência coletiva, ela, a instabilidade do conhecimento, e os sistemas complexos são apontados como sendo os novos paradigmas em epistemologia?

Ivan — Sim. As disciplinas foram uma conquista histórica que promoveu o conhecimento. Porém, a pulverização gerou/gera inúmeros obstáculos. Um exemplo emblemático foi o Sputnik. A NASA acreditava-se adiantada nos seus estudos, mas foram os russos que lograram mandar o primeiro satélite para o espaço. Por quê? Os americanos descobriram que seu mal era o excesso de enrijecimento disciplinar e que faltava um choque interdisciplinar. Corrigido isso, os americanos recuperaram o atraso e chegaram primeiro à lua. Esse quadro ilustrativo, nos ensina que precisamos fazer novas abordagens que vão em busca da complexidade, das inovações e das transformações. A crise de fundamentos, a valorização do conhecimento como capital, a constante geração de inovações tecnológicas apontam para esses novos paradigmas. Os novos modelos, com maiores e melhores detalhamentos, a possibilidade de simulações acabaram com paradigmas marcados.

Imprensa

No dia 7 de maio, a Coordenação e a Equipe de Comunicação do IHU realizaram um encontro com diversos professores e funcionários da Universidade que estão diretamente ligados à comunicação e aos veículos de comunicação internos da UNISINOS. O encontro contou com a presença de Paulo Torino, Neemias Freitas e Douglas Alves, respectivamente, diretor e repórteres da Rádio Unisinos 103.3 FM; Daniel Pedroso, da TV Unisinos; Jim Pereira Pompeu e Elair Nogueira, da Agência Experimental de Publicidade e Propaganda; Helenice Carvalho e Cléia Marques, da Agência Experimental de Relações Públicas; Anarita Buffé de Mello, diretora de Comunicação Social e Marketing; Isabel Lima, do Setor de Publicidade e Propaganda, da Diretoria de Comunicação Social e Marketing (Dicom); Angela Rahde e Deivison Campos, do Setor de Jornalismo; André Luís Marques da Silveira e Mônica Klafke, do Setor Hiperfídia da Dicom; José Moacir Gomes Pereira, coordenador da disciplina de Estágio em Relações Públicas; Marta Ciocari, coordenadora do Curso de Jornalismo; e Lauro Antônio Lacerda D Avila, coordenador do Curso de Relações Públicas. No evento, o coordenador do IHU, Inácio Neutzling, apresentou a proposta e a estrutura do Instituto. Após a exposição, os participantes manifestaram suas impressões e disponibilizaram os veículos nos quais trabalham para serem parceiros do Instituto.



Ecos do evento

"O encontro foi altamente positivo e foi uma honra ter sido convidado. Achei uma estratégia extremamente inteligente, convidar pessoas ligadas à comunicação, e me chamou a atenção a forma planejada, simples e objetiva como foi apresentado o Instituto por seu coordenador. Percebi que os projetos do IHU são de grande impacto

e que as pessoas que nele trabalham têm uma vontade bem determinada de realizar os objetivos propostos. Lerei o material distribuído e pensarei com calma de que forma nosso curso pode ser parceiro do Humanitas”.

Lauro Antônio Lacerda D Avila - Coordenador do Curso de Relações Públicas

“Eu achei muito interessante o fato de o Instituto Humanitas abrir um espaço para que as pessoas relacionadas à comunicação, na UNISINOS, pudessem conhecer os projetos e o local onde está instalado o Instituto. Acho que as pessoas convidadas foram muito bem escolhidas, porque pertencem às mais diversas áreas e veículos de comunicação e, com certeza, ajudarão a levar adiante o trabalho do IHU”.

Isabel Lima, Setor de Publicidade e Propaganda- DICOM

Estudos Religião e Pós-modernidade

De 17 a 19 de maio, às 20h, acontecerá o terceiro módulo do Ciclo de Estudos *Religião e Pós-modernidade*. O assunto desse módulo será *Religiosidade e Mídia na Pós-Modernidade* e o ministrante, o professor Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes, SJ.

Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos

De 12 a 19 de maio, as Igrejas-membro do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) promovem a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos. Com o tema *Pois em ti está a fonte da vida*, as igrejas Católica Apostólica Romana, Católica Ortodoxa Siriana, Cristã Reformada, Anglicana, Luterana, Metodista e Presbiteriana Unida reforçarão a campanha *Década para Superar a Violência*. Na UNISINOS, a data será lembrada com um culto ecumênico, no dia 15 de maio, às 18h30min, na Capela Universitária. Sites: www.casadareconciliacao.com.br ou www.conic.org.br.

ECAU

A legislação e as Práticas Sociais de Justiça no Brasil: O caso da abolição da escravidão é tema que será abordado no dia 13 de maio às 19h30min, no Auditório do Centro de Ciências Jurídicas. O encontro é organizado pelo grupo de Estudantes de Comunidade Afro da UNISINOS (ECAU), pela passagem dos 114 anos da abolição da escravidão. O palestrante será o prof. Marcelo da Veiga Beckhausen,

Mestre em Direito na área de Ciência Política e Direito Constitucional.
Dissertação: Reconhecimento Constitucional da Cultura Indígena.

Livros & Artigos

LIVRO DA SEMANA

O QUE NOS FAZ PENSAR?

Jean-Pierre CHANGEUX – Paul RICOEUR. *O que nos faz pensar?* Um neurocientista e um filósofo debatem ética, natureza humana e cérebro. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2001. (Original francês: *Ce qui nous fait penser. La Nature et la Règle*. Paris: Odile Jacob, 1998).

Publicamos o prelúdio e o capítulo final do livro, intitulado *Fuga*, escrito pelos dois autores.

Prelúdio

Seria razoável confrontar um cientista e um filósofo a propósito das neurociências, dos seus resultados e projetos, da capacidade de sustentar um debate sobre a moral, as normas, a paz? Do lado da ciência, surgiriam os confrontos com os preconceitos de uma opinião pública que ora confia nela, ou lhe testemunha mesmo entusiasmo, ora teme o seu domínio sobre a vida e a ameaça sobre o futuro comum. Do lado da filosofia, seria preciso superar o narcisismo de uma disciplina preocupada com a sobrevivência e, em geral, pouco interessada pelo recente desenvolvimento das ciências, tão fechada vive sobre uma imensa herança textual.

Para vencer os obstáculos que se opõem a uma cultura científica racional, Odile Jacob recorreu a um cientista investigador, que fez do cérebro humano o objeto privilegiado da sua investigação e cujos trabalhos são bem conhecidos do grande público, depois da publicação de *O Homem Neuronal*. Para subtrair filosofia ao seu recinto fechado, a editora escolheu um filósofo que, depois de ter recapitulado a sua obra em *Soi-même comme un autre*, se aventurou pelo campo do que os medievos chamavam as questões discutidas ao lado de magistrados, médicos, historiadores, politólogos.

Assim sendo, a escolha da editora recaiu sobre o diálogo a duas vozes. Deveria ser contraditório. E foi-o, com tudo, o que comporta de constrangimentos na postura de cada um dos protagonistas: beliscadura provocada pelo argumento mordaz do filósofo, beliscadura provocada pelos fatos pungentes apresentados pelo cientista. Para terminar, ato de confiança na maturidade do leitor, convidado a participar no debate, mais como parceiro do que como árbitro. Na verdade, o debate de idéias é muito raro na França. Afirmações peremptórias, críticas unilaterais, discussões incompreensíveis, sarcasmos fáceis não cessam de obstruir o terreno sem a devida

atenção aos argumentos que, antes de serem convincentes, aspiram a ser considerados plausíveis, isto é, dignos de ser defendidos.

Neste aspecto, viver um diálogo totalmente livre e aberto entre um cientista e um filósofo constitui uma experiência excepcional para ambos. Começando por ser uma conversa sem programa, depois debate gravado, o diálogo revelou-se, uma vez escrito, mais incisivo, por vezes mais acerbo. Não estaremos perante um modelo reduzido das dificuldades que enfrenta qualquer debate quando se verga a uma ética exigente da discussão? Esperemos que, entre as mãos do público, esta conversa a dois se torne uma intercompreensão a vários.

Fuga

Um diálogo sobre a <<voz humana>> – essa interpretação de órgão que imita o timbre da voz, capta a melodia do canto e nos leva a sonhar em conjunto, para além de toda a palavra – nunca esgotará o debate de idéias sobre as relações da ciência e da ética. Não pode fechar-se sobre si próprio. Se der que pensar, terá atingido o seu objetivo. Paralelamente a uma história do pensamento filosófico de excepcional riqueza, paralelamente a múltiplos testemunhos da experiência dos homens, da sua sabedoria, a reflexão sobre as neurociências continua a ser fragmentária. Mesmo imperfeitas, as tentativas de síntese destes saberes em constante evolução são raras. Se apenas contribuir para suscitar mais reflexão no contexto de uma troca sincera entre ciências biológicas e ciências humanas, este diálogo já terá desempenhado algum papel.

Suscitar mais reflexão, mas também tornar vigilante. Os conflitos que o nosso planeta sofre não têm com certeza uma causa única: rivalidades econômicas, relações de forças entre poderes políticos, sujeição a mercados cada vez mais mundializados. Mas, estes choques entre culturas, a impenetrabilidade e a aparente incompatibilidade das doutrinas morais, filosóficas e religiosas parecem pôr constantemente em causa a própria existência e a perpetuação de uma sociedade justa e estável, constituída por cidadãos livres e iguais. A não ser que! A não ser que, em vez de se confrontarem fisicamente, os parceiros em presença aceitem ter em conta o ensino de todas as sabedorias humanas a fim de construir um projeto comum – projeto de paz, projeto de civilização universal, livre, justa e sobre a ordem da alegria.

ENTREVISTA DA SEMANA

FREI CARLOS JOSAPHAT

A Igreja e os Escândalos Sexuais

Reproduzimos a entrevista que Frei Carlos Josaphat, OP concedeu ao *Jornal da Tarde*, 29 de abril de 2002.

Quem é Frei Josaphat?

Frei Carlos Josaphat, teólogo e membro da Ordem dos Frades Dominicanos, explica que o celibato é uma disposição disciplinar da Igreja e não um dogma, que obrigaria os padres a uma conduta indiscutível. Ele fala ainda sobre pedofilia e homossexualidade.

Nesta entrevista, a série de escândalos sexuais, envolvendo padres nas últimas semanas, deu a Frei Carlos Josaphat a oportunidade de retomar uma velha briga: o fim do celibato obrigatório para sacerdotes, que ele sempre defendeu. Como a imprensa tem noticiado amplamente, o problema está provocando uma mobilização sem precedentes na cúpula da Igreja e, nesse contexto, as palavras de Frei Carlos, como é chamado, ganham uma dimensão maior, porque, além de religioso - pertence à Ordem dos Frades Dominicano -, ele é teólogo. Está, portanto, credenciado a opinar sobre os assuntos de Deus e da Igreja.

A caminho dos 80 anos - que comemorará em novembro - , ele mora em uma casa da Ordem no Jardim da Saúde, onde dedica boa parte do tempo aos seus estudos e escritos. Já perdeu a conta dos livros publicados, que versam sobre questões religiosas e História, mas lembra que sua média, desde que voltou da Europa (Suíça e França) em 1993 - após três décadas lá - tem sido de um por ano. "Posso dizer que esses livros são de grande qualidade de auto-ajuda: a pessoa começa ler e dorme na hora", diz bem-humorado.

Nota do *IHU On-Line*: Frei Carlos Josaphat foi fundador do importante periódico *Brasil Urgente*, que marcou época antes do golpe de 1964. Existe, inclusive, uma tese de doutorado sobre a importância do *Brasil Urgente* na história brasileira. Depois do golpe de 1964, ele foi para a Suíça, onde se notabilizou como um dos grandes estudiosos de teologia moral.

Jornal da Tarde - A discussão sobre a sexualidade dentro do clero, que ocorre no momento, traz de novo, na sua esteira, a questão do celibato obrigatório. O que o senhor pensa a respeito?

Frei Carlos Josaphat - Numa discussão como essa, sempre há uma exploração sensacionalista, daí a grande repercussão. Na realidade, o celibato obrigatório é uma disposição disciplinar da Igreja. Portanto, não está ligado ao dogma, à doutrina essencial da Igreja, que é imutável. Trata-se de uma questão pragmática. No início da Igreja, os discípulos de Cristo, que foram escolhidos como apóstolos, não praticavam o celibato. Muitos dos grandes santos da Igreja foram casados. O celibato está merecendo reconsideração de parte da Igreja. Uma reconsideração que deve consultar o conjunto do clero e das comunidades para se avaliar se é conveniente ou não mantê-lo obrigatório.

Jornal da Tarde - Mas o papa não fecha questão pelo celibato obrigatório?

Frei Carlos Josaphat - Para ser padre, a pessoa deve fazer a opção pelo celibato, é a lei da Igreja. Mas não é algo imposto, e sim uma condição, esta sim, imposta para quem quer receber o presbiterato. Sabemos que uma lei importante como essa não se coloca facilmente em discussão. O Santo Padre pensa que não deve ser colocada em discussão. Por outro lado, da parte dos bispos, padres e fiéis há uma posição mais matizada, no sentido de que essa discussão seria oportuna e que a decisão deveria ser tomada após essa apreciação geral. Com toda franqueza, como teólogo, minha posição é que os religiosos que querem fazer profissão de guardar a castidade a serviço do reino de Deus, que continuem com essa disposição. Eu, por exemplo, fiz a profissão há muitos anos, sempre vivendo na linha da castidade. Mas se eu ou qualquer outro sacerdote percebermos que não podemos levar adiante a obrigação assumida voluntariamente e que podemos trabalhar muito bem fora do celibato, nesse caso acho que deve haver liberdade de a pessoa escolher ou reescolher a maneira de viver a sua vida cristã de se dedicar aos outros. Se o celibato não ajuda na generosidade, liberdade e vontade de se dar aos outros, deve ser deixado de lado.

Jornal da Tarde - Então o sacerdócio não seria conflitante com uma vida sexual normal?

Frei Carlos Josaphat - Isso. Vida sexual normal e responsável. Há uma parte da Igreja Católica no Oriente em que os padres são casados. É interessante: na tradição do Oriente, os bispos não são casados, porque os fiéis orientais acham que o celibato é uma espécie de consagração do ministro, confiam mais nos celibatários. Mas não é obrigatório: antes de se ordenar, o sacerdote opta se quer casar ou ficar celibatário.

Jornal da Tarde - E como funcionaria dentro da Igreja ? Se o sacerdote preferir casar, teria a mesma condição de exercer o sacerdócio que o outro não casado?

Frei Carlos Josaphat - Sim. Falei de liberdade e isto serve para as comunidades. Uma comunidade poderia manifestar a preferência por um sacerdote casado ou celibatário. A Igreja deve ser um grande exemplo de democracia, valorizando as pessoas e as comunidades. Acho que nós estamos hoje em condições de discutir serenamente esse tema na Igreja. A História mostra que há momentos de liberação progressiva dos costumes. Do pós-guerra (1946) para cá, houve mudanças generalizadas na consciência coletiva. Nos séculos passados, um padre que tivesse relacionamento sexual causava arrepios na população. Eu diria que hoje o celibato é objetivamente mais difícil, como, aliás, qualquer cumprimento de todo rigor que possa cercar a prática da sexualidade.

Pedofilia

Jornal da Tarde - E quanto aos casos de pedofilia na Igreja?

Frei Carlos Josaphat - Do ponto de vista cristão, é um pecado mais grave, porque parte de alguém cuja profissão se destaca pelo respeito e aspecto sagrado que inspira; do ponto de vista jurídico, um crime qualificado. Devemos encarar o problema com todo o rigor e tomar todas as medidas de modo que não haja, nem indiretamente e nem por omissão, qualquer espécie de conivência. É necessário que a Igreja seja um espelho de justiça. É uma das expressões de que eu gosto muito e que o papa empregou no começo do seu pontificado. Espelho de justiça quer dizer não apenas praticar justiça, mas fazer resplandecer o auge da Igreja à Justiça.

Nós, teólogos, devemos ser um pouco as vozes mais livres na Igreja. Não impomos nenhuma posição, mas propomos posições que pareçam razoáveis e bem fundadas. Enquanto teólogo, aconselharia as autoridades da Igreja a não apenas se reunirem entre papa, cardeais e bispos para debater o assunto, mas levá-lo para as comunidades. É um assunto que interessa a todos os homens e mulheres.

Jornal da Tarde - O intenso contato humano propiciado pelo sacerdócio não atrairia pedófilos para seu meio? Não seria adequado ter um filtro maior para os candidatos?

Frei Carlos Josaphat - Sem dúvida. Hoje há uma grande atenção no sentido de avaliar a motivação do candidato ao presbiterato. Existe uma espécie de conselho que precede sua aceitação, formado por assessores qualificados nas comunidades religiosas e nos seminários, inclusive psicólogos. Essa boa prática já está aceita e generalizada. Mas, dada a dificuldade e complexidade do problema, é de se perguntar se não seria necessário ter mais cuidado ainda. Mas penso que já procedemos bem em trabalhar por etapas: primeiramente, a pessoa passa por um período de observação, que chamamos de postulado; depois, há um período de noviciado; depois, o momento de fazer a profissão de religioso temporário. A profissão definitiva só ocorre muitos anos depois.

Homossexualidade

Jornal da Tarde - Quem tem uma doença como a pedofilia não pode ser sacerdote. Mas no caso do homossexual, não seria diferente?

Frei Carlos Josaphat - A questão é saber o que vamos considerar como sendo o homossexual. Se é um sacerdote que tenha tendências para a homossexualidade, como alguém que tem tendência heterossexual, nesse caso não se vê porque fazer discriminação. Porém, assim como não há uma prática sexual autorizada para heterossexuais, naturalmente não haverá para os homossexuais. O problema não é haver preconceito ou não contra a homossexualidade e sim, de que esse sacerdote não está se realizando na vocação sacerdotal de modo conveniente. A Igreja está atenta: se a pessoa se apresenta para o sacerdócio tendo propensão homossexual, examina suas responsabilidades, vai educá-la. É como pedir numa empresa que o funcionário não adote comportamento exterior de homossexualidade no sentido de sedução, etc.

Moral, Amor e Humor

Jornal da Tarde - O senhor levantou a possibilidade de um sacerdote optar ou não pelo celibato. Isso valeria para o homossexual?

Frei Carlos Josaphat - A Igreja, sem condenar ninguém, não autoriza e nem reconhece como válida a prática homossexual. Ela vai aconselhar a pessoa que, na sua consciência, procure o seu caminho. Quando se manifestam as coisas que não dependem da pessoa, que se impõem como uma força, a Igreja respeita essa condição. Tratei a homossexualidade com bastante cuidado no meu livro *Moral, Amor e Humor*. Proponho que a pessoa busque, por si só ou com ajuda de outros, desde cedo, um conhecimento da origem de sua tendência homossexual; se é uma influência externa precoce - hoje a sexualidade é despertada precocemente - ou assimilada depois de adulto; se é algo ligado à sua própria constituição sexual. As influências são o caso mais geral. A pessoa deve considerar essa busca como instrumento muito importante para encontrar a melhor forma do seu equilíbrio sexual, mas sem se angustiar e nem se culpar. Dessa forma, poderá receber com mais facilidade um tratamento ou uma terapia. É um problema sério, mas que não deve ser tratado na linha do interdito, e sim, de procura de sentido na vida. Nesse aspecto, acho que estamos precisando de uma ética sexual muito mais ampla para a humanidade; mais profunda e matizada, mais condescendente em alguns casos. E mais rigorosa para pessoas que banalizam a sexualidade.

Jornal da Tarde - Quais seriam as linhas básicas dessa ética sexual que o senhor propõe?

Frei Carlos Josaphat - A primeira coisa é ver se, na base de tudo, há o amor, a capacidade de amar e de buscar a felicidade, partilhando-a com outros; de procurar o prazer partilhando-o, baseado no amor. A sexualidade nos animais visa diretamente à procriação e à transmissão da vida. No ser humano, a sexualidade visa ao amor e à transmissão da vida no amor. Quem vai nascer, nascerá de um amor do casal. Esse amor do casal precede ao amor dos pais aos filhos, faz com que estes possam ser educados convenientemente. De modo que seria muito importante a sexualidade começar no amor. E há, também, um lado da verdade sobre si mesmo, da verdade sobre o próprio corpo e sobre as próprias inclinações que cada pessoa realiza a dois - no casal. Acredito que, quando um casal de jovens se encontra e ainda não se conhece plenamente como parceiros de sexualidade e de amor, eles vão se ajudar um ao outro a se educar, a descobrir um amor que segue sua idade morfológica, biológica, psicológica e também a sua idade de liberdade. Conforme as idades das pessoas, vamos ter uma prática do amor e uma prática da sexualidade; os parceiros vão jogando com mais ou menos sabedoria.

Jornal da Tarde - O senhor acredita que a sexualidade pode ser uma expressão de amor entre um

homem e uma mulher, independentemente deles procriarem? Eles podem praticar o sexo só porque se amam, só para ter prazer?

Frei Carlos Josaphat - Sem dúvida. No passado se defendia que eram os filhos que justificavam a prática sexual. Ao contrário: a prática da sexualidade amorosa entra como a criação do clima necessário para que os pais tenham uma verdadeira tranquilidade, uma verdadeira alegria para serem capazes de educar. Devemos corrigir um grande erro da humanidade durante milênios, de que a sexualidade humana é vista no estilo da sexualidade animal. Ela é completamente diferente, pois tem uma qualidade: é essencialmente uma linguagem do amor.

Jornal da Tarde - Como teólogo, o senhor acredita que Deus abençoa a busca de prazer no casal que se ama?

Frei Carlos Josaphat - Sim. O casal que se ama, que se dá um ao outro na intimidade sexual, realiza algo de sagrado, algo que representa de fato uma forma mais elevada e íntima do amor, única, alguma coisa de singular e de extraordinário. Nossa civilização deveria intensificar a valorização da sexualidade como verdadeiro amor, e não apenas como uma prática instintiva que leva ao pensamento - "enquanto gosto dessa pessoa e ela está me atraindo, então estou amando" - que se transforma em "já não estou amando mais", quando diminui o desejo sexual. O que me parece importante dizer é que existe uma educação no amor, há um processo de crescimento do amor. Penso que isso está faltando de forma trágica na humanidade, há o erotismo que é confundido com o verdadeiro amor e todas as suas etapas. As etapas das idades, do seu encaminhamento, do conhecimento mútuo, etc.

Jornal da Tarde - Para um casal que se ama, seria permitido evitar filhos ?

Frei Carlos Josaphat - A esse respeito, o papa Paulo VI lançou a encíclica *Humanae Vitae*, em julho de 1968. Ele havia nomeado uma comissão de cerca de 70 pessoas, entre cardeais, sexólogos, casais, e outros, que admitiu a prática da contracepção ou algo que fosse conveniente para casais, devidamente aconselhado pelo médico, desde que os casais quisessem realizar o amor dentro da sua consciência. Mas o papa rejeitou, alegando que o preservativo atingia a natureza do ato sexual em si, uma vez que este visa à geração. Essa doutrina é repetida constantemente. Mas, hoje em dia, a maior parte dos padres lembra que a posição da autoridade da Igreja é esta: a decisão fica a cargo da consciência dos casais, para encontrar a melhor solução. Pessoalmente, acho que a autoridade da Igreja poderia fazer uma revisão dessa doutrina por outra que não seja a da facilidade, mas que oriente o casal a conduzir sua sexualidade no amor, respeito mútuo e na procura de uma fecundidade razoável. Hoje ninguém pode dizer que família numerosa é uma boa solução para a humanidade.

Jornal da Tarde - Voltando àquela questão da pedofilia: a Igreja sairá manchada dessa história?

Frei Carlos Josaphat - Não. Acredito em profundidade que esta ocasião pode ser, deve ser e está sendo uma oportunidade de aprofundamento doutrinal e pastoral da Igreja. Na minha opinião, este debate tem um aspecto de vital importância para a humanidade na busca de uma sexualidade autêntica. A Igreja está abordando a questão com toda a seriedade, com toda serenidade e com toda a vontade de acertar.

REVISTA DA SEMANA

CEPAT INFORMA

O Mundo do Trabalho em Mutação

CEPAT Informa, n.º. 83, maio de 2002, número especial dedicado ao tema *O Mundo do Trabalho em Mutação*. A revista se divide em três grandes partes: 1.- O esgarçamento do mundo do trabalho; 2.- A radical mutação do mundo do trabalho; 3.- A difícil, mas necessária, busca de alternativas. A primeira parte traz um amplo levantamento de dados estatísticos do mundo do trabalho brasileiro e uma análise da precarização das relações de trabalho engendradas pelo NAFTA no México e a nova 'religião' do trabalho nos EUA. Na segunda parte, entre outros artigos, ressaltam os artigos de Yves Pagès, intitulado *O 'moderno' mundo do trabalho* e de Alain Caillé, *O trabalho não fala mais*.

Na terceira parte, a tradução de uma entrevista de André Gorz, publicada originalmente no livro de Françoise Gollain, *Une Critique du Travail. Entre écologie et socialisme*. Paris: La Découverte, 2000, é um importante subsídio para todos e todas que se interessam pelas transformações do mundo do trabalho, hoje. Esta revista pode ser consultada na secretaria e na setor de documentação do IHU.

ARTIGO DA SEMANA

O PARADOXO "AMBIENTAL"

O paradoxo 'ambiental', de WASHINGTON NOVAES, publicado n'*O Estado de São Paulo*, 3 de maio de 2002.

No artigo W. Novaes pergunta: "De que mundo se está falando, quando se trata de biodiversidade?" E responde: "Se dermos crédito ao "papa" dessa área, o entomólogo norte-americano Edward O. Wilson, em seu recém-publicado livro *O Futuro da Vida* (Editora Campus), "no final de 2001 a natureza está desaparecendo diante dos nossos olhos, retalhada, esmagada, arrasada, substituída por artefatos humanos (...). Estamos à beira de um apocalipse (...). Nossa única esperança é saber gerenciar com parcimônia os recursos que nos restam".

Isso exigirá, entretanto, mudanças profundas. Wilson lembra que hoje são necessários, em média, no mundo, 2,1 hectares de terras e águas produtivas por pessoa, para atender a nossas necessidades de alimentos, habitação, energia, transporte, comércio, eliminação de resíduos. Nos Estados Unidos, no entanto, essa média sobe para 9,6 hectares por pessoa, enquanto nos chamados países em desenvolvimento não passa de 1,6 hectare. Se o padrão de consumo fosse igualado para todos os habitantes da Terra, precisaríamos de quatro planetas como este, diz ele - na mesma linha do Living Planet Report 2001 (Pnuma-WWF), já citado aqui.

Se a economia mundial crescer a 3% ao ano até 2050, lembra Wilson, o produto interno bruto mundial passará dos US\$ 31 trilhões de hoje para US\$ 138 trilhões, e isso não seria viável, não haveria recursos para tanto, nem seria suportável o nível

de degradação e poluição. É urgente implantar outra visão. "Talvez tenha chegado a hora de parar de chamá-la de ambientalista", sugere ele.

Uma das curiosas possibilidades com que exemplifica é a de renunciar ao consumo de carne: "Se todos aceitassem uma dieta vegetariana, o atual 1,4 bilhão de hectares de terras aráveis seria suficiente para produzir alimentos para 10 bilhões de pessoas" (a previsão para 2050 está entre 8 bilhões e 9 bilhões). Difícil e complicado, mas lógico.

Se não for por caminhos de redução do consumo, "no ritmo atual, um quinto das espécies de plantas e animais estará extinto ou fadado à extinção em 2030 e metade até o final do século 21. (...) O homem está hoje desempenhando o papel de um assassino planetário, preocupado apenas com sua sobrevivência a curto prazo".

Palavras muito fortes. Mas Wilson acha, por exemplo, que preservar apenas 10% das florestas tropicais, a amazônica aí incluída, é pouco: a floresta não se salvaria. E a conservação de florestas foi exatamente o tema mais polêmico da reunião da Holanda, com os "ambientalistas" exigindo moratória imediata no corte de florestas primárias, e os países detentores destas - Brasil incluído, ao lado da Malásia e outros aliados - argumentando que é preciso pensar também em uso sustentável, exploração econômica adequada. Além do mais, seria preciso que os países mais ricos - que são os maiores consumidores das madeiras - aceitassem discutir também sua responsabilidade, contribuíssem com recursos financeiros para as soluções".

E W. Novaes continua: "Retorna-se a Edward Wilson: "A criação de uma ética para o meio ambiente é a única forma de a humanidade e o resto da vida terrestre conseguirem passar pelo gargalo em que nossa espécie imprudentemente se meteu." Mais duro ainda: "A trilha do *homo sapiens*, o assassino em série da biosfera, chega aos recantos mais remotos do planeta."

Não se pense que Wilson seja um fatalista: "Nem tudo está perdido. Sabemos o que fazer. Talvez ainda haja tempo para agir." E, a seu ver, a bioprospecção, com um mínimo de danos ao ambiente - um dos temas polêmicos em Haia, por causa da biopirataria - "é o caminho do futuro", porque "toda espécie é uma biblioteca viva", da qual pouco ou nada sabemos e extinguímos antes de saber. (...) "Conservar a diversidade biológica é investir na imortalidade". A responsabilidade do Brasil, nesse caso, é enorme, pela considerável parte da diversidade biológica que se encontra aqui. Mas, em compensação, grande parte do futuro pode estar aqui, se formos competentes.

E W. Novaes conclui, voltando a citar Edward Wilson: "Acredito", afirma Wilson, "que faremos a escolha correta. Uma civilização capaz de intuir a existência de Deus e iniciar a colonização do espaço certamente encontrará um meio de salvar a integridade deste planeta e as formas magníficas que ele abriga." Nesse caso, provavelmente terá de "recuperar a relação com o sagrado", da qual fala o biólogo Paulo R. Ehrlich. Mas esse já é outro papo".

FILME DA SEMANA

ABRIL DESPEDAÇADO

Abril Despedaçado – diretor Walter Salles

O filme discute a tensão entre a liberdade e o determinismo social. Publicamos o comentário de Luiz Zanin Oricchio, publicado *n'O Estado de São Paulo*, 3-5-02.

O texto está disponível na rede, na página *d'O Estado de São Paulo* e na secretaria do IHU.

Comunicações da Coordenação

Formação Política

No dia 4 de maio, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, ministrou a aula inaugural da Escola de Formação Política, da diocese de Apucarana, PR.

Edições Loyola

No dia 6 de maio, Inácio Neutzling, participou da reunião do Conselho Editorial das Edições Loyola, em São Paulo, SP.

Conjuntura Nacional

No dia 8 de maio, das 18h às 20h30min, o coordenador do IHU discutiu a conjuntura sócio-político-econômica brasileira, tendo em vista as próximas eleições presidenciais, com a Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado.

Recebemos e agradecemos o envio para a coordenação do IHU das seguintes publicações:

Ética e gênero

— Do prof. Dr. José Roque Junges, articulador do subgrupo temático Bioética e co-articulador do grupo temático Teologia do IHU: *Ética e Gênero: o paradigma do cuidado*, Convergência, dezembro 2001, p. 591-609,

ALCA

— Do prof. Álvaro Antônio Louzada Garcia, a revista *Indicadores Econômicos* v. 29, no. 3, novembro de 2001. Toda ela dedicada ao seguinte tema: *Área de Livre Comércio das Américas - ALCA*.

Entre outros artigos, a revista publica o de Paulo Fagundes Vizentini, *A ALCA e seu sentido estratégico: desafio ao Brasil e ao Mercosul*"; de Roberto Bouzas, *El proceso del ALCA: incertidumbre y desafíos*; de Álvaro Antônio Garcia, *O impacto da ALCA na economia brasileira: alguns comentários*; e de Kjeld Jakobsen, *Ao menos seis boas razões para rejeitar a ALCA*.

Ética e Direito

— Do prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino, *Ética e Direito em Hegel. A propósito da Introdução à Filosofia do Direito*.

Estratégias do sertanejo

— Do prof. Dr. Leonardo Maltchik, *As estratégias do sertanejo*, Ciências Hoje, setembro de 1998.

De quem é a água?

— Do prof. Dr. Heraldo Campos, *Idéias para o futuro da água*, Jornal VS, 12 de setembro de 2001; *A Geologia da Libertação*, Jornal VS, 30 de setembro de 2000; *De quem é a água?*, entrevista concedida ao jornalista Marcos Sá Corrêa e publicada no site <http://marcos.no.com.br>

Futuro do Trabalho

— Do prof. Dr. José Ivo Follmann, recebemos o artigo de André Brie, *Zukunft der Arbeit: Eine alternative Agenda für Vollbeschäftigung* (Futuro para o Trabalho: uma agenda alternativa), UTOPIE kreativ, n.º. 137, março de 2002, p. 206-221. (Observação: a revista Utopie kreativ é dirigida por Michael Brie que participará do Simpósio Nacional Bem Comum e Solidariedade, de 25 a 27 de junho).

CDs

— Da Comunidade Missionária de Cristo Ressuscitado, recebemos o CD *Uma boa nova*, com a voz, entre outras, de Cláudia Acosta que trabalha no Setor Religiões, Teologia e Pastoral do IHU.

— Da prof.ª. Dra. Clecy Fávero, recebemos o CD *Imagens e Palavras*, produzido pelo Centro de Ciências Humanas da UNISINOS, que contém a pesquisa feita pela professora sobre a imigração italiana, através da análise de painéis de parede usados pelas imigrantes nas suas casas.

Eventos IHU

Acompanhe a agenda do IHU Idéias:

Quando? Toda quinta-feira das 17h30min às 19h.

Onde? Na sala 1C103 (Centro de Ciências Humanas).

O quê? Apresentação de livros, teses, idéias, debates.

Será servido um cafezinho.

História do RS

No dia 09 de maio, aconteceu, no *IHU Idéias*, a apresentação da Obra em três volumes *História do Rio Grande do Sul dos Dois Primeiros Séculos*, de autoria do Pe. Carlos Teschauer e apresentada pelo Prof. Luiz Osvaldo Leite, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFGRS. O evento reuniu funcionários, estudantes e professores da Universidade. Entre os participantes do *IHU Idéias* estavam o editor da obra, Pe. Arthur Rabuske, SJ e o Provincial (BRM) da Companhia de Jesus Pe. Guido Kuhn.



Ecos do evento

"Apenas lastimo não poder estar todas as quintas-feiras participando do *IHU Idéias*. Neste evento, são realizados estudos importantíssimos que permitem novos desafios, novas leituras, novas análises, ajudando a situar-nos no contexto da

sociedade local, a não nos perder nos problemas do dia-a-dia. É um instrumento que ajuda a levantar o olhar e compreender o tempo que estamos vivendo. A abordagem histórica que tivemos hoje da apresentação do livro *História do Rio Grande do Sul* para mim foi fascinante". Pe. Guido Kuhn, Provincial (BRM) da Companhia de Jesus e presidente da entidade mantenedora da UNISINOS.

Analíticos e continentais — Na próxima quinta-feira, *IHU Idéias* terá a apresentação do livro *Analíticos e continentais. Guia à filosofia dos últimos trinta anos*, de Franca D'Agostini e traduzido pelo prof. Benno Dischinger. Prefácio de Gianni Vattimo. O livro faz parte da Coleção Idéias, coordenada pelo Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino e foi editado pela Editora Unisinos São Leopoldo, 2002. O livro será apresentado pela Profª. Ana Carolina Regner, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS.

A autora

Franca D'Agostini ensina Filosofia Contemporânea no Politécnico de Turim. Além do livro *Analíticos e Continentais*, publicado em italiano no ano de 1997 e já traduzido, em 2001, para o espanhol, Franca D'Agostini publicou os seguintes livros: *Filosofia Analítica*, 1997; *Breve storia della filosofia nel Novecento*, 1999; *Logica del Nichilismo*, 2000 (este livro está sendo traduzido para ser publicado pela Editora Unisinos). A autora acaba de lançar, na Itália, o livro *Disaventure della verità*, Torino, 2002.

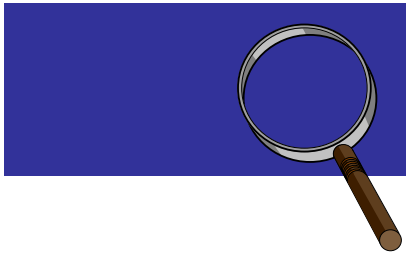
Analíticos e continentais. Um guia à Filosofia, hoje

“É, sem dúvida, uma tarefa algo desmedida, buscar dar conta da ‘filosofia atual’ de um modo sistemático”, escreve José Luis Pardo, no jornal espanhol *El País*, comentando a tradução espanhola, em meados do ano 2001, do livro de Franca D'Agostini. “O livro de Franca D'Agostini tem a singularidade de se ater a um critério ‘espacial’ (o continental e o não-continental) e o ‘temporal’ (os últimos 30 anos) relativamente simples mas que nos remete, mais que a movimentos ou correntes intelectuais, a um *estilo* ou a um *ethos* que sobressai, inclusive, para além dos traços doutrinários, e que, portanto, subsiste inclusive quando estes desapareceram. Para visualizar o persistente desta distinção estilística, basta pensar na brilhante conferência de Heidegger, em 1929, *O que é a metafísica*, dedicada, fundamentalmente, ao tratamento do *nada*, mas onde se tem uma constante defesa da dignidade da filosofia, e na chacota que dela fez Rudolf Carnap no seu artigo *Superação da metafísica mediante a análise lógica da linguagem*, em 1932, onde submete o texto de Heidegger a uma ‘análise lógica’ (esse tipo de análise que Heidegger considerava ‘árida até a desolação’) que o reduz a ‘uma sucessão de palavras sem sentido’. Sessenta anos depois, John Searle volta a ter como objeto de suas iras a um ‘continental’ defensor da Filosofia, Jacques Derrida, imaginando uma paródia na qual alguém apela ao mecânico para que revise o carburador do seu automóvel. O técnico, que se tornou um desconstrutivista, lhe responde que o carburador não é mais que um texto e que não há mais do que falar unicamente da sua textualidade. Os ‘analíticos’, que defendem para a Filosofia uma normatividade cujo modelo é a ciência, não podem ver nos discursos continentais mais do que ‘literatura’, enquanto os ‘continentais’, que conhecem os aspectos mitológicos e ideológicos que se escondem sob a aparente neutralidade da ‘ciência’, detectam na ‘normatividade’ analítica algo da cegueira histórica e muito da prepotência tecnológica. Por isso, tem sentido que o livro de D'Agostini dedique um interesse especial às teorias da complexidade próprias dos novos campos científicos”.

Por sua vez, no prefácio do livro, escrito por Gianni Vattimo, importante filósofo italiano, autor de inúmeros livros, entre os quais, destacamos *Credere di Credere*, Milão, 1996, traduzido para o francês com o título *Espérer Croire*, Paris, 1998, lamentavelmente não traduzido para o português, escreve sobre a ousadia de Franca D'Agostini, concluindo:

“Por fim, embora se trate de um tema que, por muitas boas razões, aparece apenas marginalmente no trabalho de Franca D’Agostini, a dicotomia analíticos-continentais, passando através daquela entre linha kantiana e linha hegeliana, entre analítica da verdade e ontologia da atualidade, entre argumentação e narração, acaba por conduzir, mediante um outro deslize, até aquela que se pode caracterizar com os nomes das duas grandes tradições religiosas que envolveram o Ocidente moderno: o hebraísmo e o cristianismo. Mais uma vez, justamente dada a importância decisiva do pensador, o discurso gira aqui em torno de Jacques Derrida, mas também em torno do nome daquele que talvez tenha sido o seu verdadeiro mestre, Emmanuel Lévinas. Até que ponto Lévinas e Derrida podem ser colocados na filosofia continental, quando esta é caracterizada especificamente como hegeliana, antes que kantiana, como ontologia da atualidade, mais do que como analítica da verdade, etc.? Considerando o tema da historicidade, é fácil descobrir que a historicidade, da qual se pode falar em relação a Derrida e Lévinas, equivale pura e simplesmente à finitude. Para ambos, historicidade da existência significa que somos “sempre” jogados numa condição finita, específica, etc. Mas o que importa à filosofia, aqui, é o “sempre”, e não os traços determinados da concreta situação. Não parece arbitrário chamar de hebraico tal modo de considerar a historicidade, ao menos no sentido de que o aguardo daquele (ou daquilo) que há de vir – e que ainda é um componente essencial de muitos escritos, sobretudo recentes, de Derrida – não é reforçado por nenhum evento histórico específico já ocorrido, que articule e dê sentido definido a tempos e épocas. É possível pensar autenticamente a temporalidade e a historicidade fora da perspectiva da parúsia, como retorno de um messias que já veio e é, portanto, reconhecível, mesmo na articulação de momentos efetivamente diversos de uma história da salvação (mas também em uma história do ser)? Um outro sinal da fecundidade da dicotomia que move este livro poderia ser precisamente a sua capacidade de, por vias que permitem rearticular de múltiplas maneiras o panorama da Filosofia hodierna, conduzir ao extremo do encontro da problemática relação entre esta filosofia e a tradição religiosa do Ocidente. Que esta tradição se apresente sob a forma de uma alternativa entre hebraísmo e cristianismo – que, porém, implica – esconde, reclama, afirma – uma profunda, decisiva *continuidade* (pense-se, entre os autores dos quais aqui se fala, em Franz Rosenzweig) - , poderia com bom direito, ser tomado como um sinal do fato de que, mesmo no caso da problemática relação entre Filosofia Analítica e Filosofia Continental ou entre “verdade” e “atualidade”, entre estrutura e evento, o que está diante da Filosofia como sua tarefa é, após a desconstrução, um trabalho de recostura e recomposição”.

Aqüífero Guarani — No dia 23 de maio, no *IHU Idéias*, o professor Heraldo Campos abordará o assunto *Aqüífero Guarani: o grande manancial do CONE SUL*.



Nossa entrevistada relâmpago nesta edição é...



Adevanir Aparecida Pinheiro

Adevanir Aparecida Pinheiro é natural de Cambira, Paraná. Segunda filha de sete irmãos, aprendeu, desde pequena, a ativa participação na Comunidade e em movimentos sociais. Formada em Serviço Social e especialista em família pela UNISINOS, hoje cursa mestrado em Ciências Sociais Aplicadas.

Atualmente, *Deva*, como é chamada pelos amigos, trabalha no programa GDIREC (Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo) e participa do ECAU (grupo de estudantes de Comunidades Afro da UNISINOS).

Inícios: Até a quarta série, estudava e ajudava meus pais na lavoura. Depois, meu pai me levou para trabalhar fora, embora meu sonho fosse estudar. Fiz de tudo ao longo dos anos para poder ir avançando nos estudos enquanto trabalhava.

Movimentos sociais: Aos 27 anos, fui contratada pela Comissão Estadual de Direitos Humanos de Santa Catarina para trabalhar com os movimentos populares e o presídio de Itajaí, para acompanhar os processos finais dos presos e acompanhar suas famílias. Nessa época, terminei o segundo grau e fiz vestibular para Estudos Sociais. Depois de cursar dois anos de faculdade, tive a possibilidade de vir morar em São Leopoldo e cursar Serviço Social, na UNISINOS.

Mestres: Minha avó e meus pais, porque me ensinaram a compreender a existência e o Pe. Sérgio Giacomelli, por seu trabalho com os direitos humanos.

Livro que marcou: a Bíblia; *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*, ambos de Paulo Freire.

Autores: Leonardo Boff e Karl Marx.

Filme: *À espera de um milagre*, de Frank Darabont.(este nome está correto? Sugiro conferir e conferir...)

Presente: Livros.

Horas livres: Concentração reikiana.

Uma grande paixão: Organizar grupos de pessoas excluídas e reintegrá-las na sociedade.

Raça negra: É fantástico ser negro e assumir, a cada dia, a negritude.

Zumbi: Um exemplo de luta.

Escravidão: Uma selvajaria para com o meu povo. Uma situação que deixou profundas marcas na cultura brasileira.

UNISINOS: Uma crença na promoção humana.

IHU: Mudança de paradigmas. Um aprofundamento do humano.

GDIREC: Aprendizado do diálogo.

ECAU: Um desafio junto à raça negra. O desafio de trabalhar o negro como um todo, a família afro como um todo.

Um sonho: Ver verdadeira integração do povo negro na sociedade.

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão.
Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a
ihuinfo@poa.unisinos.br